

BOLSAS	BOVESPA	C-BOND	DÓLAR	EURO	OURO	CDB	INFLAÇÃO
Na quarta (em %)	Índice da Bolsa de São Paulo nos últimos dias (em pontos)	Titular da dívida externa brasileira, na quarta	quarta-feira (em R\$)	Últimas cotações (em R\$)	Na BM&F, o grana (em R\$)	Prestado, 30 dias (em % a.a.)	IPCA do IBGE (em %)
	+0,12	US\$ 1,00375	2,235	2,27	R\$ 33,900	19,30	Abri/2005 0,87
	21/09 22/09 23/09 24/09 25/09	(Estável)	(▼ 1,06%)	22/09 23/09 24/09 25/09 26/09	(▲ 0,59%)		Maio/2005 0,49
	30,837			26/09 27/09			Junho/2005 -0,02
	31,317			27/09			Julho/2005 0,25
							Agosto/2005 0,17

DESENVOLVIMENTO

Problemas no gerenciamento dos recursos públicos, falta de ação do governo, corrupção e redução da confiança dos empresários fazem país ser ultrapassado no ranking internacional de competitividade

Economia - Brasil

Má gestão afunda o Brasil

MARCELO TOKARSKI
DA EQUIPE DO CORREIO

Influenciado por acentuada piora no índice de qualidade de suas instituições públicas, o Brasil despencou no ranking mundial de competitividade. O país caiu da 57ª posição ocupada no ano passado para a 65ª este ano, de acordo com publicação divulgada ontem pelo Fórum Econômico Mundial. A queda da confiança dos empresários no governo, a má gestão dos gastos públicos e a letargia que tomou conta da relação Executivo/Legislativo levaram o Brasil a perder 20 posições no ranking que mede a qualidade das instituições de governo, onde ocupamos agora o 70º lugar. E o cenário poderia ser ainda pior. A pesquisa foi finalizada no dia 14 de maio, quase um mês antes de estourar a atual crise política, que só terá efeitos no ranking de competitividade de 2006.

Só promessas

"Os números mostram que, mesmo antes da crise política, o ambiente já havia mudado. Os empresários já tinham a percepção de que o governo não vinha cumprindo o que havia prometido", define Rafael Tello, pesquisador da Fundação Dom Cabral, que coletou os dados do Brasil. "Apesar da política monetária e fiscal austera, a percepção é de que o governo Lula gasta mal aquilo que economiza. Além disso, cresceu a percepção de que a corrupção aumentou e a legislação não foi modernizada. A prometida redução da carga tributária também não se concretizou, o que quebrou a confiança do empresariado. Por isso, nossa posição piorou bastante", resume.

No ranking geral de competitividade, o Brasil vem caindo desde 2002, quando ocupava a 45ª posição. No primeiro ano do governo Lula, recuou para 54º, indo para 57º no ano passado e ocupando o 65º lugar este ano. De acordo com o Fórum Econômico Mundial, a economia mais competitiva do mundo é a da Finlândia, seguida dos Estados Unidos (veja quadro). Entre os latino-



Fonte: Fórum Econômico Mundial

COMPETITIVIDADE

Entre parênteses, a posição de cada um em 2004

1º) Finlândia	(1º)
2º) Estados Unidos	(2º)
3º) Suécia	(3º)
4º) Dinamarca	(5º)
5º) Taiwan	(4º)
6º) Cingapura	(7º)
7º) Islândia	(10º)
8º) Suíça	(8º)
9º) Noruega	(6º)
10º) Austrália	(12º)
23º) Chile	(22º)
49º) China	(46º)
50º) Índia	(55º)
55º) México	(48º)
64º) Costa Rica	(50º)
65º) Brasil	(57º)
72º) Argentina	(74º)
117º) Chade	(104º)

INSTITUIÇÕES PÚBLICAS

1º) Nova Zelândia
2º) Dinamarca
3º) Islândia
4º) Cingapura
5º) Finlândia
6º) Noruega
7º) Luxemburgo
8º) Alemanha
9º) Suíça
10º) Austrália
22º) Chile
52º) Índia
56º) China
69º) Sérvia e Montenegro
70º) Brasil
74º) Argentina
117º) Bangladesh

AMBIENTE MACROECONÔMICO

1º) Cingapura
2º) Noruega
3º) Dinamarca
4º) Finlândia
5º) Emirados Árabes Unidos
6º) Catar
7º) Irlanda
8º) Hong Kong
9º) Luxemburgo
10º) Holanda
15º) Chile
33º) China
50º) Índia
78º) Ucrânia
79º) Brasil
86º) Argentina
117º) Zimbábue

americanos, o Chile é o melhor colocado (23º lugar). "Não estamos apenas caminhando num ritmo mais lento que outros países. Estamos na verdade piorando nossa imagem no cenário mundial", afirma Tello.

"O nosso índice mostra uma piora nos ânimos da comunidade empresarial nos últimos seis meses, refletindo as preocupações sobre a falta de níveis adequados de transparência do setor público. Enquanto os fundamentos da recuperação econômica brasileira ainda são fortes, o governo precisa agir rapidamente para enfrentar problemas em áreas importantes como a educação, a infra-estrutura e o emprego", resume Augusto Lopez-Clair, economista-chefe e diretor do Programa de Competitividade Global do Fórum.

Os escândalos de corrupção e outros eventos que atingiram a imagem do setor público minaram a confiança dos empresários e desviaram as atenções dos legisladores de tarefas importantes na preparação da economia brasileira para os desafios da concorrência internacional", diz um trecho do documento do Fórum. Para o presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Armando Monteiro Neto, o Brasil ainda tem um longo caminho a percorrer. "O Brasil precisa retomar uma agenda mínima, votar projetos importantes que estão parados no Congresso e melhorar a qualidade da governança política e institucional. Esse ranking vale como um sinal para todos os setores", afirma.

O Relatório de Competitividade Global foi elaborado com base

em entrevistas com 11 mil líderes empresariais de 117 países. No Brasil, 209 executivos de 19 empresas foram entrevistados. O levantamento tem como base informações públicas e a opinião dos executivos a respeito do ambiente macroeconômico, das instituições públicas e dos níveis de tecnologia. Um dos poucos aspectos positivos com relação ao Brasil se refere ao ambiente macroeconômico. Neste ranking, o país subiu de 81º para a 79ª colocação, resultado, principalmente, do controle da inflação e do aumento das exportações.

Desperdício

Em compensação, no ranking dos países que, de acordo com os executivos, menos desperdiçam recursos públicos, o Brasil despenhou 39 posições, passando

para o 111º lugar, de um total de 117 países. "Nossa carga tributária é alta, mas ineficiente. Uma das principais reclamações é de que o governo brasileiro gasta pouco e mal", diz Rafael Tello, da Fundação Dom Cabral. No ranking da corrupção, o Brasil perdeu 17 posições e caiu para 62º. Entre os fatores que mais atrapalham o ambiente de negócios no Brasil os empresários apontaram os altos impostos, a regulamentação tarifária, a burocracia, o difícil acesso a financiamentos e a pesada legislação trabalhista.

Para o economista Istvan Károly Kaszner, coordenador nacional do Programa de Estudos dos Estados e Municípios da Fundação Getúlio Vargas (FGV), os dados não surpreendem. "São fruto da ausência de investimentos em tecnologia e educação. Além disso, o governo aumentou a carga fiscal, burocratizou a atuação do Estado e passou a utilizar as instituições públicas, incluindo as estatais, para abrigar afiliados políticos", critica. Para Kaszner, é preciso desburocratizar o Estado, capacitar os servidores, modernizar as rotinas de trabalho e atualizar a legislação pública. "É preciso, por exemplo, modernizar a lei de licitações, que pode ser boa, mas possui falhas que criam um ambiente favorável à corrupção", afirma.